

ANA PAULA SILVA LADEIRA COSTA²
ANA LUIZA MENDES SANTOS³
MARCELO HENRIQUE DA COSTA⁴
THÁIS RODRIGUES OLIVEIRA⁵

A COPRODUÇÃO COMO ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO DAS TVS UNIVERSITÁRIAS: UM ESTUDO DE CASO DA SÉRIE CARTOGRAFIA FEMINISTA¹

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca das coproduções no ambiente das TVs Universitárias. Para isso, realizamos uma análise sobre a atuação da UEG TV, TV universitária da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na produção da série de minidocumentários Cartografia Feminista, realizado em coprodução entre TVs públicas de sete países latino-americanos. Por meio de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, concluiu-se que a realização colaborativa de programas televisivos permite o surgimento de novos acordos, aumenta as chances de produção de um conteúdo regional e culturalmente diverso, promove intercâmbio de conteúdos e fortalece os entes através da ampliação de janelas exibidoras.

¹ Estudo vinculado ao Grupo de Pesquisa CNPq/UEG Centro de Realização e Investigação Audiovisual - CRIA

² Professora efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutora em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora no grupo de pesquisa CRIA - Centro de Realização e Investigação Audiovisual, da UEG Endereço eletrônico: ana.costa@ueg.br

³ Estudante do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Endereço eletrônico: mendesanaluiza99@aluno.ueg.br

⁴ Doutor em Arte e Cultura Visual e mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Publicitário, professor do bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Laranjeiras. Membro do Grupo de Pesquisa CRIA/UEG. E-mail: marcelo.costa@ueg

⁵ Docente efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Performances Culturais pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS-UFG). Mestre em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da UFG. Graduada em Audiovisual com especialização em Cinema e Educação, atua na área de produção cinematográfica prioritariamente como captadora de som direto e editora de som. Atualmente é coordenadora do Curso de cinema e audiovisual da UEG (2023-2025). Coordena o Núcleo Audiovisual de Produção de Foleys (NAUFO_UEG). É pesquisadora no grupo de pesquisa CRIA - Centro de Realização e Investigação Audiovisual, da UEG. Também integra o LAPIS - Laboratório de Pesquisa em Imagem e som da UFPE. Endereço eletrônico: thais.oliveira@ueg.br

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão acerca da prática de coprodução audiovisual no ambiente das TVs universitárias, enquanto possibilidade de fortalecimento dos entes envolvidos e intercâmbio de conteúdo gerado.

Para isso, trazemos um estudo de caso da série de minidocumentários Cartografia feminista, projeto indutor desta prática entre as TVs universitárias associadas à ABTU, a Associação Brasileira de TVs Universitárias, e à Red TAL, rede de canais públicos e culturais da América Latina.

O conceito de coprodução cinematográfica refere-se à colaboração entre dois ou mais agentes, envolvendo aspectos financeiros, criativos ou técnicos, com o objetivo de produzir uma obra audiovisual. Nesse sentido, Rodrigo Kopke Salinas explica:

A colaboração financeira pode vir acompanhada de atuação profissional das partes para a realização conjunta da obra mediante a divisão de atribuições e responsabilidades. É comum que a colaboração entre os produtores ocorra no contexto de um acordo internacional entre países, hipótese em que a obra alcançará qualificação jurídica que lhe permitirá ser considerada nacional de cada qual e permitirá aos coprodutores acessarem os benefícios concedidos pelos respectivos Estados à produção e distribuição do conteúdo audiovisual doméstico. (SALINAS, 2016, p.17)

Assim, a coprodução é vista como uma oportunidade para impulsionar a produção audiovisual, promover culturas, compartilhar experiências e expandir o alcance dos filmes produzidos, podendo viabilizar um destaque internacional entre as pessoas e os países envolvidos (ROCHA, 2012, p. 29).

Segundo Salinas (2016, p.11) a coprodução é uma prática contratual recorrente na indústria audiovisual, na qual o financiamento compartilhado dilui os riscos dos participantes envolvidos. Segundo o autor, este tipo de prática colaborativa é bastante comum no cinema e, muitas vezes,

revela-se complexa porque o coprodutor frequentemente congrega agentes da indústria audiovisual com “interesses econômicos diferentes e às vezes contrapostos, dependendo da posição de cada um na cadeia econômica”.

Dentro deste rol, Salinas destaca que é importante distinguir entre aquelas coproduções oficiais e as coproduções não oficiais. As coproduções oficiais caracterizam-se por serem amparadas por acordos bilaterais ou multilaterais. As regras e regulamentos para as coproduções variam de país para país, mas geralmente envolvem acordos legais que estabelecem o percentual de investimento, o número de membros da equipe e elenco de cada país, e as responsabilidades de cada produtor. Nesses casos, as coproduções audiovisuais geralmente são realizadas para compartilhar o risco financeiro entre as empresas, para o aproveitamento de vantagens fiscais e de financiamento de cada país ou região. As coproduções não oficiais, por sua vez, são realizadas sem a aplicação desses acordos oficiais e podem ser operações locais ou internacionais, mas sem a múltipla nacionalidade.

De fato, quer se trate de uma coprodução oficial ou não oficial, financeira ou não financeira, é da essência do contrato de coprodução o compartilhamento dos riscos mediante a obrigação das partes conjugarem os seus esforços para a produção conjunta de uma obra audiovisual, de qualquer gênero e formato, e cujos direitos autorais e receita econômica serão compartilhados. (SALINAS, 2016, p.115)

De modo geral, os dois tipos de coprodução, oficiais e não oficiais, são fundamentais para expandir o alcance e o público dos diferentes mercados. Esses processos colaborativos podem ser extremamente benéficos para todas as partes envolvidas, permitindo que elas compartilhem experiências culturais, conhecimentos e recursos. Ao mesmo tempo, gera benefícios, como a viabilização de um destaque internacional entre as pessoas e os países envolvidos e o resultado do produto pode se fortalecer e se tornar mais atraente para o público global.

Hadija Chalupe da Silva esclarece que práticas de coprodução internacional foram facilitadas por questões tecnológicas e por novas configurações culturais, políticas

e econômicas. Nesses casos, explica a autora, “Os fluxos, a hibridização, a desterritorialização, o encurtamento do tempo, a multiplicidade de identidades e saberes são fatos contingentes do processo de coprodução internacional” (SILVA, 2014, p.265).

Salinas (2016) explica que é possível identificar elementos essenciais em um contrato de coprodução, entre os quais se destacam: a divisão das responsabilidades para a realização da obra comum e o compartilhamento dos benefícios e do controle sobre a obra audiovisual coproduzida. O autor também menciona que os direitos autorais sobre uma obra audiovisual resultam na divisão de controle sobre a obra e no compartilhamento dos resultados econômicos.

As ações de coprodução também norteiam as atividades de TVs universitárias, ainda que em menor proporção. Destacamos a experiência recente idealizada pela TV UESB, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que produz o programa UniverCiência, em parceria com 40 instituições de ensino superior do Nordeste, hoje em sua 4ª temporada e distribuído nas grades de programação de 25 TVs públicas, educativas, culturais e universitárias, como o Canal Futura, a TVE Bahia e a TV Alba⁶.

A Red Tal, responsável pela coprodução do nosso objeto de estudo, Cartografia Feminista, também atua enquanto rede de articulação entre produtores independentes, emissoras públicas, educativas e universitárias. De acordo com Michele Dacas e Simone Maria Rocha (2015, p.173), a primeira experiência de coprodução da Red TAL deu-se em 2006, quando foi produzida a série Os Latino-americanos, realizada através de uma parceria entre jovens diretores e produtoras independentes da região. Porém, esta prática tornou-se mais forte a partir de 2010. De acordo com as autoras,

Essa estrutura reticular revela-se importante também por fortalecer canais mais vulneráveis como Bolívia TV que, através da adesão à Rede, tem a oportunidade de mostrar a cultura boliviana para outros países da América Latina. Por incentivar motivações como as da TV Pernambuco, qual seja, distribuir internacionalmente conteúdo sobre o seu Estado. Por encorajar objetivos mais endógenos, como o da TV Brasil, que seria o de formar uma rede em nível nacional, facilitada pela participação na TAL em virtude do contato com outras TVs do seu próprio país. E por possibilitar que emissoras,

como a TVE do Rio Grande do Sul, forme público para o gênero documental. (DACAS, ROCHA, 2015, p.175)

COPRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO AMBIENTE DAS TVS UNIVERSITÁRIAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

A colaboração entre diferentes agentes por meio de coprodução pode envolver compartilhamento de custos, trabalho integrado na concepção ou desenvolvimento do produto, apoio na captação de recursos, auxílio na produção e na distribuição dessas produções. Vale lembrar que o universo de TVs universitárias é bastante diverso, e envolve a participação de canais com diferentes infraestruturas e formas de financiamento de suas produções.

A UEG TV, TV da Universidade Estadual de Goiás, caracteriza-se como uma TV universitária, situada em Goiânia, com atuação integrada ao Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual, o CriaLab|UEG, e à Rádio UEG Educativa, uma web rádio que transmite seus sinais através da distribuição de vídeos. O vínculo ao Laboratório CriaLab|UEG, caracterizado pela atuação de professores e estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da mesma universidade, permite que a UEG TV seja um espaço de formação dos discentes e de prática de ações extensionistas aos pesquisadores. Por outro lado, há uma pequena equipe fixa, formada por servidores técnicos e administrativos, professores e pesquisadores do CriaLab|UEG, e um número maior de estagiários, responsáveis pela realização das obras audiovisuais.

De acordo com pesquisa realizada pela ABTU, o MAPA 4.0 das TVs Universitárias, “a falta de pessoal - funcionários e estagiários -, além das dificuldades financeiras, orçamentárias e estruturais e da falta de equipamentos, são as maiores limitações” enfrentadas pelas TVs Universitárias brasileiras. Outro problema também apontado pelo MAPA 4.0 refere-se à escassez de investimentos e de acesso a recursos, dificultando a manutenção da estrutura das TVs, bem como uma estrutura de produção de conteúdo. A UEG TV, assim como a maioria das TVs universitárias, também depende de recursos provenientes do próprio orçamento da Universidade, precisando buscar recursos através de editais, emendas parlamentares, parcerias externas e leis de incentivo.

a maioria depende exclusivamente dos recursos da IES e/ou de suas mantenedoras (83%). Mesmo

6 Disponível em: <http://www.uesb.br/noticias/univerciencia-estreia-4a-temporada-divulgando-pesquisas-do-nordeste-brasileiro/>. Acesso em 29 jun. 2023

quando os recursos são provenientes do orçamento e de recursos gerados pela TV, a maior parte advém do orçamento. Esse pode ser considerado o maior problema para a sobrevivência das emissoras universitárias, em especial daquelas que operam via cabo/assinatura ou em TV aberta. (MAPA 4.0)

Assim, a possibilidade de realizar uma coprodução pode garantir à uma TV universitária a economia no desenvolvimento de um produto e na consultoria em sua realização, bem como o apoio no processo de distribuição. Por outro lado, alguns formatos, que exijam estrutura técnica mais robusta e sejam mais onerosos, têm suas produções inviabilizadas em TVs universitárias com menos recursos.

Hoje, a UEG TV transmite seus sinais e conteúdo somente por meio da internet, através do YouTube, de redes sociais e do site, cujo domínio pertence à Universidade Estadual de Goiás, pois ainda não dispõe do serviço de transmissão via satélite. Seu surgimento, em 2018, se deu dentro de um contexto de convergência digital apontado pelo mapeamento realizado pela ABTU. De acordo com essa pesquisa, “a partir de 2011, houve um grande aumento de TVs universitárias brasileiras veiculando produções audiovisuais apenas pela internet”. Foram contabilizadas 110 web TVs universitárias que surgiram a partir da criação do YouTube. Hoje, mais de 60% das TVs universitárias atuam apenas no ambiente web.

Neste ambiente caracterizado pela presença nas redes sociais, processo de digitalização na produção, no armazenamento e na distribuição de conteúdo, podemos afirmar que os espaços de compartilhamento de conteúdo e as práticas colaborativas são fundamentais para a manutenção destes espaços de produção audiovisual.

Quarenta (54%) afirmaram fazer parte de alguma rede de intercâmbio nacional entre emissoras de televisão para a troca de conteúdos, sendo as principais o Canal Futura, a rede RITU/ABTU, a rede Prosa e o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Audiovisual Brasileiro - PRODAV. Já em âmbito internacional, apenas dez (13,5%) participam de redes de intercâmbio, tais como a Asociación de las Televisiónes Educativas y Culturales Iberoamericanas - ATEI e a Global Campus of Human Rights, além de acordos com outros países para recepção e envio de estudantes intercambistas. (MAPA 4.0)

A UEG TV é associada à ABTU, utilizando a rede RITU⁷ na composição de sua grade de programação. Também através da ABTU são propostas ações formativas para as TVs universitárias, espaços de debate e oportunidades de coprodução, como Cartografia Feminista, trazida pela Red TAL.

CARTOGRAFIA FEMINISTA: UMA COPRODUÇÃO INTERNACIONAL

Em março de 2022, estreou, em sete países da América Latina, a série de minidocumentários Cartografía feminista. A coprodução envolveu a participação da Red TAL, entidade que reúne canais públicos e culturais da América Latina e que promoveu a articulação de 20 canais da Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México e Uruguai. O formato foi desenvolvido pelo Canal Encuentro, canal público argentino operado pelo Ministério da Educação. A ação foi lançada em março de 2022, em razão do Dia Internacional da Mulher. Foram desenvolvidos 40 episódios, que tinham como proposta discutir termos do universo feminista através do olhar de mulheres de diferentes localidades. Foram trazidos termos como empoderamento, síndrome de impostora, tarefas de cuidado, transfobia e sororidade.

À ABTU, Associação Brasileira de TVs Universitárias, coube a tarefa de articulação das TVs universitárias brasileiras, para que também aderissem ao projeto. Desse modo, foi distribuída uma bíblia do formato, com orientações sobre duração, enquadramento e movimentos de câmera, perfil das personagens, bem como orientações na escolha dos personagens e perguntas a serem realizadas. A Red TAL, enquanto principal articuladora entre os entes produtores, assumiu a consultoria, envio de material gráfico e trilha musical e realizou o controle dos prazos e conferência dos materiais realizados. A bíblia serve, portanto, como um importante documento para garantir unidade estética e técnica às produções de uma mesma série, ainda que produzidas em diferentes circunstâncias e por agentes situados em distintos espaços territoriais. Nesse sentido, comentam Michele Dacas e Simone Maria Rocha:

mesmo que a coprodução surja em torno de uma modalidade temática, a unidade estética é uma preocupação e também um desafio dos canais associados, pois as televisões possuem suas peculiaridades e também desigualdades em seus processos produtivos. A limitação técnica mostra-se um fator comum

⁷ Rede de compartilhamento de conteúdo da ABTU, voltado para as TVs universitárias. Através desta rede, permite-se a troca de acervo de conteúdo audiovisual e garante-se a cobertura nas grades de programação das TVs associadas.

entre os canais, ainda que em maior ou menor grau produtivo, e a necessidade de uma unidade estética nas coproduções o torna mais evidente, tanto pelo aspecto da técnica quanto da cultura. (DACAS, ROCHA; 2015, p. 176)

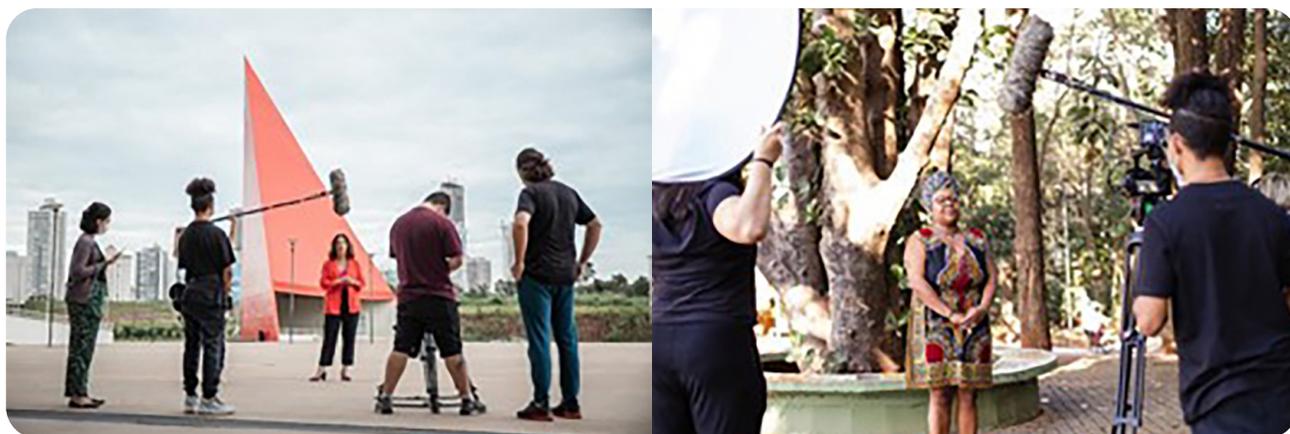
A UEG TV atuou como uma das coprodutoras desta série de minidocumentários, desenvolvendo dois episódios: *Violência de gênero*⁸ e *Violência política de gênero*⁹. O primeiro episódio, lançado no canal da UEG TV¹⁰ em junho de 2022, trouxe como personagem a professora e fisioterapeuta Cristina Lopes, que prestou um depoimento sobre a violência que sofreu de um ex-companheiro e sobre seu processo de superação. No segundo episódio, lançado em dezembro de 2022, a ativista política Marta Quintiliano apresentou o conceito de violência política de gênero, relatando as dificuldades de acesso das diferentes mulheres ao espaço político durante o período de eleições, como no exercício de seus mandatos.

Cada ente envolvido na coprodução ficou responsável pela produção de um pequeno número de episódios e teve, como contrapartida, o direito de exibir 40 episódios realizados pelos parceiros no projeto. É importante ressaltar que seria inviável para a maioria dos coprodutores realizar, individualmente e com recursos próprios, o número total de episódios gerados através do acordo.

Figura 01: Bastidores da Produção dos episódios “Violência de Gênero” e “Violência política de gênero”

Esta foi a primeira coprodução internacional da qual a UEG TV participou. Poucos meses depois, em novembro de 2022, esse canal universitário lançou quatro episódios do Projeto Bachianas Brasileiras, por meio de uma parceria realizada entre o Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual (CriaLab | UEG) e a Escola Superior de Música de Lisboa (ESML). A parceria, que resultou no intercâmbio de conhecimentos e práticas para produção de conteúdo audiovisual e fonográfico, deu maior dimensão e alcance aos trabalhos desenvolvidos nas instituições, em ambos os países.

Em 2023, através de uma nova parceria com a Red TAL, a UEG TV participa de outras duas coproduções internacionais: o projeto multiplataforma Sonhoteca, e a série de microprogramas Estamos Aqui, ambos desenvolvidos pela produtora argentina PakaPaka e voltados ao público infantil. Através da consultoria e apoio da Red TAL no desenvolvimento dessas produções, a UEG TV realiza, pela primeira vez, conteúdos voltados especialmente para crianças e adolescentes. O acordo de coprodução garante, portanto, que a UEG TV ingresse nesses projetos já com algumas vantagens: acesso à marca do formato, com materiais gráficos, trilha musical, definição de aspectos como tempo de duração, estrutura do programa e janela de exibição. Também há apoio da Red TAL na escolha de personagens, distribuição do conteúdo para canais e emissoras parceiras. Em contrapartida, a UEG TV também recebe episódios desenvolvidos por outros países, que poderão ser exibidos em sua grade de programação.



FONTE: UEG TV

8 <https://www.youtube.com/watch?v=4H5DLihs3E>

9 <https://www.youtube.com/watch?v=p-yA3mohMtk&t=3s>

10 www.tv.ueg.br / www.youtube.com/uegtv

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Um dos aspectos mais relevantes da coprodução é a possibilidade de combinar recursos financeiros e criativos de mais de um território, resultando em realização mais ágil e benéfica para esses respectivos países. Essa combinação de recursos promove a diversidade cultural, fomenta a troca de ideias e amplia as perspectivas narrativas, enriquecendo a produção audiovisual como um todo.

As relações estabelecidas entre a UEG TV e seus coprodutores caracterizam-se por aquilo que Rafael Kopke Salinas (2016) classifica como coprodução não oficial. Embora haja um acordo firmado entre as partes, as co-

produções são viabilizadas através de práticas colaborativas, sem a formalização de vínculos contratuais ou acordos financeiros.

A partir deste estudo de caso, podemos afirmar que a realização colaborativa de programas televisivos permite o surgimento de novos acordos, aumenta as chances de produção de um conteúdo regional e culturalmente diverso, promove intercâmbio de conteúdos e fortalece os entes através do aumento de janelas de exibição. Cabe destacar, ainda, que a coprodução permite que as obras tenham acesso a diferentes mercados e audiências, aumentando a visibilidade e a possibilidade de sucesso de um produto.

REFERÊNCIAS:

DACAS, Michele; ROCHA, Simone Maria. Produção televisual em rede e integração cultural latino-americana na TAL. In: Chasqui. n. 129, ago-nov. 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5791948.pdf>> Acesso em 28 jun. 2023.

OLIVEIRA, Ricardo Borges (org.). MAPA 4.0 da TV Universitária. Brasília: ABTU; UNB, 2022. Disponível em: <https://www.abtu.org.br/_files/ugd/cdee4f_e18a53c829734ac69b33597681eb2917.pdf> . Acesso em 28 jun. 2023.

ROCHA, Flávia Pereira da. Coprodução cinematográfica internacional e política audiovisual brasileira (1995-2010). 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11582/1/2012_FlaviaPereiradaRocha.pdf>. Acesso em 31 mar. 2023

SALINAS, Rodrigo Kopke. O contrato de coprodução audiovisual: uma operação econômica em rede. [Dissertação de mestrado]. São Paulo: Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17256/Vers%3a3o%20Depositada%20Corrigida.pdf?sequence=3&isAllowed=y>> Acesso em 28 de jun. 2023.

SILVA, Hadija Chalupe da. Os filmes realizados em coprodução: limites e expansões dos acordos transnacionais. [Tese de doutorado]. Niterói: PPGCOM/ Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: <https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2014_hadija_chalupe.pdf>. Acesso em 23 mar. 2023